



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA
NORDEVALDO DOS SANTOS

**ARTESANATO GALIBI MARWORNO: Um estudo descritivo do objeto cultural
e tradicional.**

OIAPOQUE-AP

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA
NORDEVALDO DOS SANTOS

**ARTESANATO GALIBI MARWORNO: Um estudo descritivo do objeto cultural
e tradicional.**

Apresento este Trabalho de Conclusão de Curso como requisito obrigatório para a obtenção de grau de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Federal do Amapá, sob orientação da profª. Msc. Jussara de Pinho Barreiros.

OIAPOQUE-AP

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA
NORDEVALDO DOS SANTOS

**ARTESANATO GALIBI MARWORNO: Um estudo descritivo do objeto cultural
e tradicional.**

Data da aprovação: 20/02/2014.

BANCA EXAMINADORA

Jussara de Pinho Barreiros

Mestra, Presidente e Orientadora.

Rauliette Diana Lima e Silva

Especialista – Membro e Avaliadora

OIAPOQUE-AP

2014

DEDICAÇÃO

Dedico esse trabalho a meus filhos, minha esposa, minha família e aos professores da UNIFAP e aos moradores da aldeia Kumarumã que direta e indiretamente contribuíram para a realização desta maravilhosa pesquisa.

ARTESANATO GALIBI MARWORNO: Um estudo descritivo do objeto cultural e tradicional.

Nordevaldo dos Santos¹

Jussara de Pinho Barreiros²

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de estudo: “Artesanato Galibi-Marworno: Um estudo descritivo do objeto cultural e tradicional”. A pesquisa de campo, investigada no período 2012/2013 que apresenta como coleta de dados às entrevistas com moradores da aldeia Kumarumã, que tem como objetivo identificar e descrever os modos de produção artesanal dos diversos tipos de artesanatos produzidos na aldeia Kumarumã pelos índios Galibi-Marworno, como: cestarias, esculturas, artes plumária, objetos utilitários e bijuterias entre e, também compreender o significado cultural e identitário de cada um dos artesanatos demonstrados na pesquisa de campo. O aspecto cultural e identitário dos artesanatos Galibi-Marworno, falam sobre os registros históricos dos artefatos que hoje não são mais fabricados na aldeia Kumarumã, de acordo, com os depoimentos moradores mais antigos e a observação participante do pesquisador. A importância de preservar os objetos da cultura Galibi-Marworno segundo a tradição expressa, por meio, da linguagem artística e gráfica os tipos de artesanatos produzidos tanto pelos homens quanto pelas mulheres, contribuição para resgatar a produção das técnicas tradicionais para a produção de objetos artesanais dentro da Aldeia Kumarumã. Como resultado desta pesquisa podemos considerar que mesmo com tantas influências do mundo globalizado muitos indígenas ainda buscam preservar a memória e a cultura de seu povo Galibi-Marworno, em especial, os jovens que ainda se preocupam em aprender técnica tradicional de artesanatos embora estes já não sejam mais utilizados no seu cotidiano. Concluimos que a cultura indígena sempre haverá de existir mesmo com tantas influencias da sociedade emergente.

PALAVRAS-CHAVE: Artesanato. Galibi-Marworno. Artesão. Cultura.

¹ Aluno do curso de Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação em Linguagens e Códigos – da Universidade Federal do Amapá.

² Mestra em Direito e políticas Publicas (UNIFAP), Professora do curso intercultural indígena (UNIFAP), orientadora e pesquisadora do núcleo de pesquisas História da Ciência e Ensino (NUPHCE), linha de investigação: ensino de Ciências-Qualidade de vida e Culturas indígenas.

HEZUM

Sathavaidjikōklusiōdjikusgāiezafedjilekōl."Ahtezanat Galibi-Marworno: Um lekōlpuekhibagajdji no metxethadjisionel". Sa peskiz-lakumaseivestxigedjipidji 2012/2013 kumāupuvehasābleifohmasiō apubladjekemun-ieladjikumunitekumahumā, li gāieobjetxivdjiidexifike i ekhimodel i teknikdjifabhuikeahtezanatdjixakkalitelamod ki Galibi-Marworno-ielakafekumā: iekanate, iekafebā,xapoplimag,hasad i uatkalitebagaj ki iekautxilizeosi, pukōphaniesignifikasiō kikaidexifike kia djiphop Galibi-Marworno. Lamoddjahtezanat ki kaphuezāte Galibi-Marworno, i bezuedjiekhipufeunixtuadjiahtezanat ki jodlaiepakafeākolakomunitēdjikumahumā,djiagohdkekozedjighāmun-iela i kepahtxisipasiōdjipeskizado-la. Ipohtāpuphesehve i etxupedjibagaj-iela ki kafepadji no metxe Galibi-Marworno djiakohdkethadjisiōdjikomunikasiō, lādāxakahtezanati gāiemak isamak-lakasignifike um bagajlādāahtezanat-iela ki fam i uomkafetutsakakōpletepusovēteknikdjikumā u kaphuepahepufeunahtezanatthadjisionellakomunitēdjikumahumā. Kebenefisdjisapeskiz-la no puvekōsidehe ki i gāiebukuuatlabitxuidjitā-lakamelājeāsamke no pamemkōsabukuedjekaphesehvēmema i labitxuidjisopov,puGalibi-marworno-ielakumājōnmun-ielaietujuthakaseieleāphānsateknik-ladjifeahtezanatmemkōsaiepaka utilize ieājuājukōsamemieleāphanfe. Labitxuiledjesepgāiepulalamitāāsāmkebukuuatlabitxuidjideho.

PAHOL-IELA: Artezanal. Galibi-Marworno. Mexartezanal.Labitxuil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. UM BREVE HISTÓRICO DO POVO GALIBI MARWORNO.....	10
<i>1.1-Língua Materna: Caribe.....</i>	<i>12</i>
<i>1.2-Organização Social do Povo Galibi-Marworno.....</i>	<i>14</i>
2. VALOR CULTURAL E IDENTITÁRIO DOS OBJETOS ARTESANAIS DA ALDEIA KUMARUMÃ.....	15
<i>2.1-Acervo Histórico dos artefatos que não são mais fabricados na aldeia.....</i>	<i>16</i>
<i>2.1.1-Tipos de objetos artesanais Galibi-Marworno.....</i>	<i>16</i>
<i>2.1.2-Armas de caça e pesca com pontas de madeira e osso.....</i>	<i>20</i>
<i>2.1.3- Instrumentos musicais de sinalização, fiação, brinquedo infantil, escultura em madeira, meio de transporte.....</i>	<i>22</i>
3. A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR OS OBJETOS DA CULTURA GALIBI MARWORNO SEGUNDO A TRADIÇÃO.....	26
<i>3.1-Tipos de artesanatos que são confeccionados tanto pelos homens como pelas Mulheres.....</i>	<i>28</i>
4. METODOLOGIA E RESULTADO DA PESQUISA.....	32
<i>4.1- Da Análise dos resultados obtidos.....</i>	<i>33</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFÊRENCIAS.....	35
APÊNDICES.....	36
Apêndice A.....	37
Apêndice B.....	38

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA01: Mapa da região do Uaçá.....	11
FIGURA 02: Tipiti em Fibra de arumã.....	17
FIGURA 03: Vários tipitis feitos de fibra de arumã.....	17
FIGURA 04: Peneira retangular de fibra de arumã.....	17
FIGURA 05: Peneira trançada com grafismos.....	18
FIGURA 06: Cesto cilíndrico em fibra de arumã.....	18
FIGURA 07: Cestos retangulares em fibra de arumã.....	19
FIGURA 08: Pajé fumando tawari (cigarro de palha).....	19
FIGURA 09: Flechas com pontas de madeira afiada.....	21
FIGURA 10: Flechas com pontas de madeira grossa.....	21
FIGURA 11: Flautas de osso.....	22
FIGURA 12: Instrumentos de afiação e algodão.....	23
FIGURA 13: Iaiá-brinquedo infantil em dobradura trançados de arumã.....	24
FIGURA 14: Pilão feito de madeira.....	24
FIGURA 15: Barco pequeno em madeira- Kanu dé Beg.....	25

INTRODUÇÃO

Apresento este Trabalho de Conclusão de Curso, que aborda a temática: Artesanato Galibi - Marworno que, por meio, da observação participante afirmamos que é uma técnica manual utilizada pelo artesão, às práticas artesanais indígenas é de extrema beleza e de grande valor artístico e estético, pois representa a expressão cultural dos povos indígenas do Oiapoque, em especial, a da cultura Galibi-Marworno. É uma atividade coletiva que foi se desenvolvendo passada de geração a geração com seus cerimoniais e a vida do dia a dia o enfeite, a pintura dos objetos de uso doméstico foram sendo produzido de acordo com os rituais e os de uso no trabalho doméstico. Assim, cada etnia produzia sua arte, suas danças, suas cores e seus enfeites e com isso criaram sua identidade cultural própria o que lhes diferencia entre os povos. Os povos indígenas do Oiapoque produzem seus objetos de artesanato utilizando a matéria-prima que a natureza lhe oferece como: sementes, peles de animais, palhas, cipó, madeira, barro e outros tipos de materiais encontrados na natureza e também uma quantidade enorme de produtos colhidos da mata para a produção de seus objetos tais como: casas, canoas, arco, flechas, esteiras, enfeites, adornos, pinturas, arte plumária e outros.

A presente pesquisa aborda como tema “tipos de artesanato Galibi-Marworno” e tem como principal objetivo identificar e descrever os modos de produção de diferentes tipos de objetos artesanais produzidos na comunidade Kumarumã e compreendendo os significados da cultura material do povo Galibi-Marworno, por meio, dos artesanatos identificados no trabalho. A elaboração desse trabalho decorreu a partir de pesquisas bibliográficas feitas em livros periódicos e revistas que tratam do assunto e ainda foi realizada uma pesquisa de campo onde foi entrevistada (10 moradores) dentro da Aldeia Kumarumã onde cada um pode falar um pouco da importância do artesanato para o ensino de arte indígena e garantir a preservação dos saberes tradicionais das futuras gerações da etnia. A produção do artesanato para os Galibi -Marworno é uma prática cultural do saber tradicional comum. Essa prática é passada de geração a geração e representa a identificação desse povo na confecção das cuias, cestaria, joalheria e escultura, onde cada um desses objetos tem uma técnica própria e matéria prima extraída da própria natureza sem trazer danos para o meio ambiente, com isso os indígenas manténs sua tradição e ao mesmo tempo traçam uma relação harmoniosa

entre o homem e a natureza de onde tiram o seu sustento. Atualmente, com a influência das culturas de sociedades dominantes, posso dizer que a técnica de confecção do artesanato vem perdendo espaço em minha comunidade, comprometendo a preservação cultural, pois, a maioria das pessoas da aldeia Kumarumã, já está trocando os objetos tradicionais, produzidos artesanalmente pelos objetos industrializados. Por exemplo, o fogão a lenha foi substituído pelo fogão a gás, o ralo foi substituído pelo caititu motorizado.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em quatro capítulos: No **primeiro capítulo** aborda um Breve Histórico do povo Galibi-Marworno, bem como, a sua língua e a organização social. O **segundo capítulo** faz referência ao valor cultural e identitário dos objetos artesanais a importância do acervo histórico dos artefatos da que não são mais fabricados na aldeia Kumarumã os tipos de artesanatos (caça e pesca) e instrumentos de uso da comunidade. O **terceiro capítulo** fala da importância de preservar os objetos da cultura Galibi-Marworno conforme a tradição e a confecção dos tipos de objetos fabricados de forma artesanal pelos homens e pelas mulheres. O **quarto capítulo** apresenta a metodologia e os resultados obtidos na coleta de dados da pesquisa de campo desenvolvida durante a investigação. E as **Considerações finais** apresentando as contribuições de minha pesquisa de campo relacionadas com a produção de artesanatos na produção e técnica tradicional dos objetos representando uma expressão de uma linguagem artística e gráfica e a valorização cultural do povo Galibi-Marworno do município do Oiapoque no Estado do Amapá.

1. BREVE HISTÓRICO DO POVO GALIBI MARWORNO

Conforme as narrativas históricas. (RICARDO, 2000) afirma: “Os Galibi-Marworno constituem-se de grupos remanescentes de missões na Guiana Francesa e de etnias Marworno e Aruã, provenientes do Amapá e Ilha do Marajó, que migraram no século XVII em fuga das perseguições dos portugueses”. Estes povos passaram pela experiência das missões jesuíticas no século XVII e pela exploração comercial no século XIX. A população Galibi-Marworno como é comum na região, formou-se a partir de um processo de fusão de várias etnias e exógenas que desde a época da conquista, guerrearam ou estabeleceram alianças entre si e entre europeus de várias nacionalidades, empreendendo levadas migratórias convivendo nas missões jesuíticas,

fugindo da escravidão que até meados do século XIX estabeleceram-se na bacia do rio Uaçá. A figura 01 abaixo representa o Mapa das Terras Indígenas da região do Uaçá.

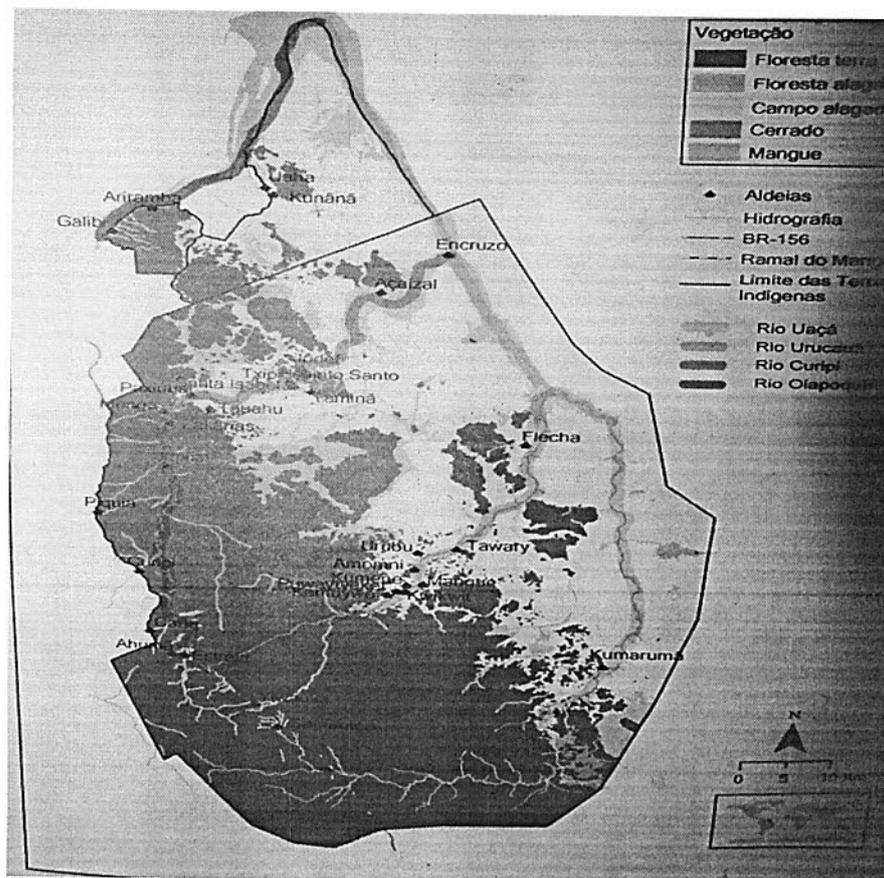


Figura 01: Mapa da região Uaçá. Fonte: Plano de Vida- APIO, 2009, p.13.

Considerando Vidal (2009, p.11) “A memória do grupo indica como descendentes das etnias Marworno, Aruã e Galibi. Também reconhecem outros habitantes da bacia do Uaçá com quem não se fazia aliança por que “não eram batizados” e “não tinham respeitado as regras de respeito entre grupos.” Sendo estes Aruak, Arakare e Urukuyan”. Destas etnias, os Marworno são mencionados pela literatura como autóctones da bacia Uaçá no século XVII, época em que a população Galibi habitava toda a costa da Guiana. No final deste século, tem início a migração dos Aruã, da ilha do Marajó até a Guiana, em fuga das correrias promovidas pelos portugueses.

Segundo depoimento do senhor Arcênio Monteiro 75 anos- morador da aldeia Kumarumã agricultor. Em uma entrevista realizada no mês de abril de 2013, residente na aldeia Kumarumã, pai de 07 filhos. “Ele afirma: que seus pais e avós

contavam que antigamente viviam na região do Uaçá os índios Arakarê antigos povos Palikur, a concentração maior desse povo era na montanha Tipoca, havia um grande vilarejo na ponta daquela montanha conhecido como karumayrá, lá os índios viviam tranquilo sem nenhuma perturbação. Segundo o informante um grupo de índios Galibi veio de Maná uma região da Guiana francesa fugindo de perseguições em busca de paz e de território para ocupar. Este grupo entraram no rio Uaçá viajando por vários dias, ao aproximarem-se da montanha Tipoca perceberam que já havia povos ocupando aquela região, pois viram rastros de pessoas e sinais de corte nas árvores. Decidiram então não prosseguir a viagem e se acamparam na beira do rio, onde hoje é conhecido como Galibi, (parada de pescadores), no dia seguinte saíram em direção ao vilarejo e a partir de então passaram a guerrear pela disputa do território. A batalha acontecia principalmente durante o período de verão, porque, a maior parte da região é formada de campos alagados e no inverno torna-se difícil a invasão e a caça dos inimigos. Ao retornarem pela ultima vez não encontraram mais os Arakares vivos, pois uma grande epidemia atacou a aldeia e muitos índios foram mortos e alguns fugiram subindo o rio Uaçá e outros foram para o rio Urukauáe assim se espalharam por toda a região do Uaçá. Os Galibi percorreram todo o rio Uaçá encontraram ainda uma pessoa deitada no chão passando muito mal e viram muitos corpos mortos em estado de decomposição. Com isso os Galibi voltaram para Maná seu lugar de origem depois de pouco tempo três famílias retornaram para a região de Uaçá sendo estas, Regis, Faiur e Kapiten Oguis, essas famílias foram os que ocuparam essa região. Depois desse episódio houve a invasão de muitos outros povos na região do Uaçá permanecendo ainda hoje”.(Entrevista abril, 2013 – Aldeia Kumarumã).

1.1. LINGUA MATERNA: CARIBE

Atualmente a população Galibi- Marworno tem como língua materna o kheuól, ou Patóá, segundo Vidal, (2005, p.02) esse idioma é utilizado como língua franca dos povos indígenas do Baixo Oiapoque, que reconhecem diferenças fonéticas e lexicais entre aquele falado pelos karipuna e o falado pelos Galibi-Marworno. A Língua antiga falada pelos Galibi-Marworno entrou em desuso há pelo menos 100 anos. Mas há lembranças de velhos que ainda o falavam. Segundo (NIMUENDAJU, 1926) fez uma lista de palavras e em (VIDAL, 1996) conseguiu, ainda que com

dificuldade uma lista bem menor. Vidal 2005, p. afirma que a língua Galibi se manifesta essencialmente nos cantos xamânicos, onde há trechos em língua antiga e nomes de aves e bichos pronunciados nesta língua. Alguns velhos dizem que apenas conseguem falar em Galibi após tomar a bebida caxiri e fumar tawari (cigarro de palha), durante o ritual do Turé ou durante uma sessão de cura.

A língua original falada pelos antigos entrou em desuso em função de outras línguas faladas pelos povos que vieram a habitar a região de Uaçá, com isso a língua Galibi foi substituída pelo Patoá, do tipo Creoulo da Guiana, por ocasião de contatos os outros índios da região, tanto do Brasil quanto da Guiana Francesa. Segundo relatos de antigos moradores que ouvi ao longo de toda a minha vida onde meus avós e depois meus pais e os mais velhos me repassaram os Galibi do Uaçá, depois de tiverem contatos com muitos outros imigrantes na região principalmente os crioulos da Guiana francesa e outros povos que passaram pela região fizeram com que o grupo deixasse de utilizar a língua original e passaram a falar frequentemente o Kheoul. Contam os antigos, que na época o povo vivia espalhado ocupando as ilhas das savanas assim formando vários vilarejos ao longo do rio Uaçá. Os estrangeiros percorriam constante todas as regiões, traziam mercadorias para comercializar, alguns chegaram a casar com as índias e alguns índios trabalhavam como guias e canoeiros transportando mercadoria para o garimpo no alto rio Cassiporé “lahomido”, e na região do Uaçá. Por causa dessa influência o povo Galibi foi obrigado a aprender a se comunicar na língua Kheuól e aos poucos foram esquecendo e deixaram de falar na língua original que mais tarde entrou em extinção.

Segundo o depoimento do senhor **Lucivaldo Roberto dos Santos** 69 anos, índios Galibi Marworno, agente de saúde, residente na aldeia Kumarumã afirma: *“que o grande contato não conseguiu apagar completamente a cultura do povo, no que diz respeito à língua Galibi antigo. Hoje, por exemplo, o ritual do assopro baforado ou cânticos tradicionais são executados somente na língua Galibi antiga. Entre os Galibi-Marworno, hoje ainda falam constantemente algumas palavras na língua antiga misturada com o kheuól essas palavras, por exemplo, são: “Tumãñubu” (faz de conta), “gadebu” ou “gadelbu” (olha, espia, veja) “akasi Kato” (o que é então?). A palavra “bu” significa mal aparentada”.* (Entrevista em abril 2013).

Conclui-se que a língua se transforma e se renova com isso os povos indígenas precisam sempre preservar sua língua materna como forma de garantir a sua tradição e cultura.

1.2-ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO POVO GALIBI-MARWORNO

Os Galibi-Marworno habitam na sua maior parte, uma única grande aldeia, Kumarumã, à margem esquerda do rio Uaçá, no seu médio curso. Mas do ponto de vista da ocupação espacial, estes índios mantêm todas as suas roças e locais de coleta nas inúmeras ilhas e trechos de terra firmes, ao longo do alto Uaçá, lugares onde viviam, até os anos 40, dispersos em diferentes grupos locais. Uma aldeia Uahá, localizada a margem do igarapé Juminã e duas estão localizadas ao longo da BR 156. Há também famílias Galibi-Marworno residente no município de Oiapoque, em Saint-Georges e Caiena. Apesar da proximidade do nome, não possuem parentesco com os Galibi do Oiapoque. A população Galibi-Marworno, segundo informações obtidas conforme CENSO (SIASI/DSEI/SESAI,28/11/2011) a população da aldeia Kumarumã de aproximadamente (1.972) índios, com um quantitativo distribuído nas seguintes aldeias: nas aldeias: Tukai, Sumaúma, Uaha, Aruatu que ficam na localizadas na BR 156 na região do Uaçá. A língua falada pelos Galibi Marworno é o Kheuól, uma língua originária do crioulo Francês.

Segundo informações dos antigos o casamento entre os índios Galibi-Marworno acontecia mediante a uma conversa entre os pais dos jovens onde eles firmavam um acordo em que o jovem iria morar na casa dos pais da moça por um período de aproximadamente 03 anos nesse período os homens ficava em observação da família da moça para ver como ele se comportava depois desse período então é que ele poderia construir sua própria casa, era o tempo em que casal já tem seus próprios filhos e então eles passam a morar sozinhos, mas sempre próximo à casa dos pais da moça. Ainda hoje algumas famílias ainda praticam essa tradição, muitas já deixaram de morar próximo do sogro devido ao crescimento populacional que não sobram mais terrenos próximos a casa dos sogros por esse motivo as casas são construídas em outros lugares.

Ainda podemos afirmar, que segunda a organização social a grande aldeia kumarumã é composta de um cacique, um vice-cacique e seus conselheiros, grupos de liderança que cuida do regimento interno e que participe das reuniões fora da aldeia. O povo Galibi-Marworno desde a sua formação adotou uma única religião, “católico”, hoje a aldeia

possui mais de uma religião, por esta influência quase a maioria da população da aldeia está adotando a religião evangélica. A tal religião evangélica hoje aos poucos vem influenciando a cultura tradicional dos Galibi-Marworno.

2. VALOR CULTURAL E IDENTITÁRIO DOS ARTESANATOS GALIBIMARWORNO.

Atualmente o cotidiano dos povos indígenas de modo geral são produtores de artesanatos para uso nas suas necessidades do dia a dia, a produção desses artefatos são feitos de acordo com a necessidade de sobrevivência de cada povo, portanto, cada peça identifica esse povo na sua particularidade. Os Galibi - Marworno não foram diferentes a produção dos objetos artesanais primeiramente era feita para serem utilizados no dia a dia dos indígenas nas tarefas diárias como na caça, na pesca, na fabricação dos alimentos, na dormida etc. atualmente esses objetos estão sendo substituídos por objetos industrializados e conseqüentemente não são mais fabricados.

O artesanato indígena é de relevante valor artístico, pois representa a expressão cultural de cada povo. Todos os artefatos fabricados pelos povos indígenas são de suma importância na vida da comunidade, essas variedades de conhecimentos tradicionais específicos fazem parte do Patrimônio Imaterial e material, segundo Gallois (2006 p.8), entende-se que “patrimônio imaterial é a fonte do patrimônio material, pois está na cabeça, ou seja, é o conhecimento que está dentro de cada índio que foi repassado de geração a geração que lhe permite ensinar para seus filhos” e assim por diante, esse patrimônio imaterial é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu entorno contribuindo assim a promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana. O patrimônio material segundo o mesmo autor é tudo que é produzido desse conhecimento que foi repassado de geração a geração, e está no jeito de viver de produzir seus artefatos assim como nos seus rituais, costumes e religiosidade.

Cada etnia produz sua arte, seus enfeites diferenciando-se de outros povos. Para os Galibi-Marworno, por exemplo, a técnica de fabricar bancos segue as mesmas e atende a única função de uso, sentar, mas diferencia na forma de esculpir, de utilizar alguns grafismos, cada banco configurando uma marca de identificação de habitat a que pertence a forma esculpida. Outros objetos como chapéu de pena que se usa na

dança do turé, o jeito de confeccionar e ornamentar são próprios dos índios Galibi-Marworno e esse conhecimento é repassado de geração a geração.

2.1 - Acervo Histórico dos Artefatos que não são mais fabricados na aldeia Kumarumã.

Em depoimento realizado em (junho/2013) com o Senhor **Manoel Azemiro Charles 59 anos**, morador e artesão da aldeia e afirma que: *“existem vários tipos de artefatos que o povo Galibi-Marworno não fabrica mais por que foi substituído por objetos industrializados que facilita suas atividades do dia a dia”*. (Entrevista em junho de 2013).

Com a influência do mundo globalizado, os povos indígenas passaram a adotar objetos da cultura industrializada e com isso alguns objetos foram substituídos e os indígenas passaram a adotar objetos industrializados tornando-os essenciais no seu dia a dia, por exemplo, com a chegada da cama para dormir, os indígenas que antes utilizavam as esteiras passaram a não usar mais essas esteiras e com isso não fabricaram mais esse objeto que hoje deixou de ser uma atividade dos indígenas a mesma coisa aconteceu com as armas e outros objetos. Segundo as informações dos artesãos Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã certos objetos não são mais fabricados pelo fato de não serem mais utilizados no dia a dia. Listo aqui uma relação desses objetos que foram substituídos por objetos industrializados e que não são mais confeccionados na aldeia Kumarumã.

2.1.1 Tipos de objetos artesanais Galibi-Marworno

- **KULEV (TIPITI)**/versão língua materna –Objeto trançado de forma cilíndrico construído de tala de Arumã, contém um metro e meio de comprimento com 20cm de diâmetro. Há três tipos de trançado específicos para fazer o tipiti(como por exemplos: **dãagutxi (língua Patuá)** - dente de cotia, **kaiatxipa (língua patuá)** - escama de tamuatá **puthinxevuet (língua patuá)**- peito de camarão). O artefato possui arremate na parte superior e inferior. Ele ainda contém uma abertura e duas alças, tem como utilidade espremer a massa de mandioca. As figuras 02 e 03 abaixo mostram o objeto Tipiti feitas em fibras de Arumã.

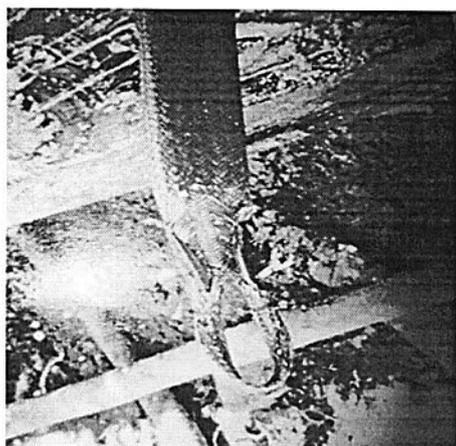


FIGURA 02: Tipiti fibra de Arumã

Fonte: Nordevaldo dos Santos, 2013.

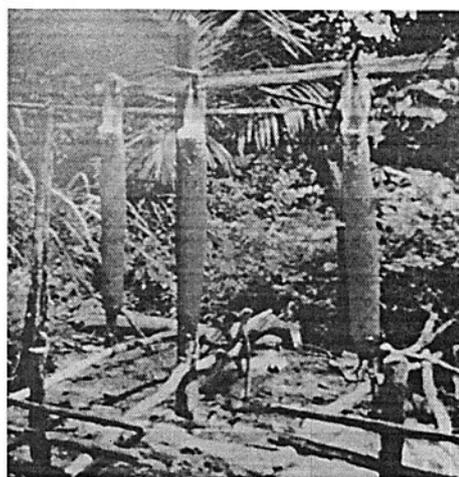


FIGURA 03: Vários Tipitis de Arumã

Fonte: Nordevaldo dos Santos, 2013.

MANAHE FIN- Peneira Fina - Artesanato

A peneira fina é um trançado de forma de quadrado feito de tala de arumã, composta de algumas varetas que dão suporte ao objeto. Várias marcas que representa espécies da flora e da fauna são postos nos artefatos, especialmente, folha de açaí, escama de peixe, casco, caminho e rastros de animais e vários outros elementos que representam desenhos do padrão **Kuahí** (losango) e **dãdjilo** (triângulo) e outros. Este objeto serve para coar líquido e pó de massa de mandioca. Abaixo as figuras 04 e 05 representam a peneira em fibra de arumã com desenhos traçados acima citados.

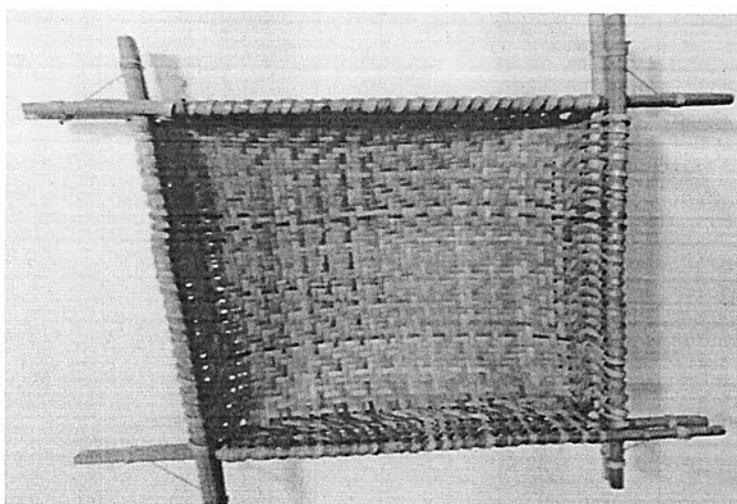


FIGURA 04: Peneira retangular em fibra de arumã

Fonte: Nordevaldo dos Santos, 2013.

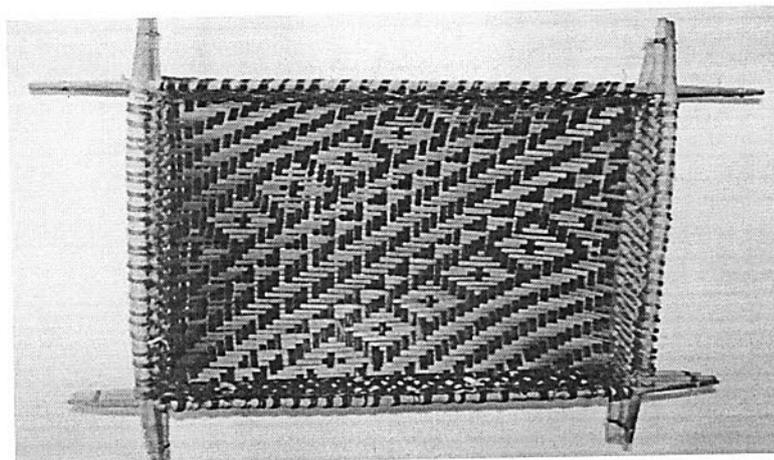


FIGURA 05: Peneira retangular trançada com grafismos

Fonte: Nordevaldo dos Santos, 2013.

- **PÃIË**(Língua patuá)- (Cestos) É um artefato de forma cilíndrico feito de arumã, serve para guardar alguns pertences, possui tampas e alças na parte superior, é fabricada pelos homens, é utilizado pelas mulheres. A figura 06 abaixo representa o cesto em fibra de arumã.



FIGURA 06:Cesto cilíndrico em fibra de arumã

Fonte: Nordevaldo dos Santos, 2013.

-**MANAHE UEI SARACURÁ** – (peneira olho de saracura), tipo de peneira grossa de crivo arredondado, artefato de forma quadrada confeccionada de tala de arumã, tendo como suporte dose varetas, sua utilidade era bastante apreciada na fabricação da farinha, serve para passar a massa de mandioca. Devido não ser

mais fabricado não consegui uma foto ou desenho deste artefato para ilustrar, pois há muito tempo esse objeto não é mais fabricado.

- **PAGHA (PACARÁ):** É um objeto feito de arumã em forma de um cesto retangular. Nele são trançados em preto varias marcas como: Kuahí, kaiatxipa e outros, são de uso xamânico para guardar seus pertences como o maracá, cigarros de tawari (casaca de uma árvore de grande porte chamada “laposigal” encontrada nas matas de terra firme, muito comum na região Uaçá) e outros de acordo com suas necessidades. As figuras 07 e 08 abaixo representam cestos retangulares feitos em fibra de arumã.

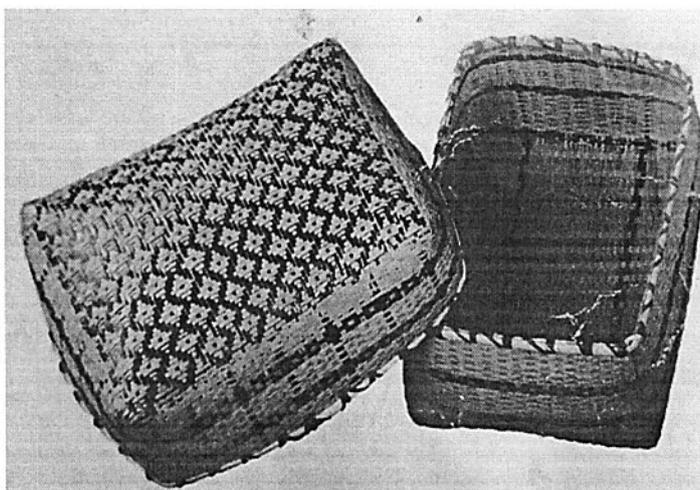


FIGURA 07: Cestos retangulares em fibra de arumã.

Fonte: Acervo Museu Kuahí, 2013.

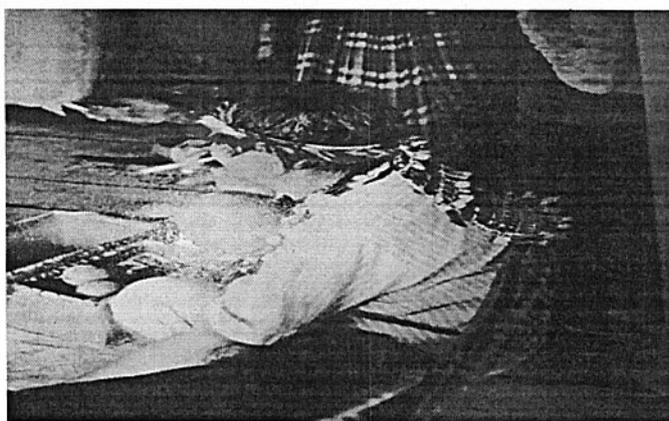


Figura 08: Pajé fumando Tawari-cigarro de palha

Fonte: Acervo Museu Kuahí, 2013.

TRANÇADOS

-**NAT** (esteira de dormir) artefato de forma quadrado possui dois metros de comprimento é feito de junco trançado com fibra de árvore, serve para dormir. A sua confecção é bem simples.

- **PAMÊ**: Japa trançada de forma retangular confeccionado de folha de açai, forrada com folha de sororoca e amarrada com fibra de Envira e cipó, o artefato possui o arremate na parte lateral. Esse artefato pode ser utilizado para cobrir a grande canoas é como se fosse uma lona. Os pescadores utilizavam muito este objeto para se proteger da chuva.

2.1.2 Armas de Caça e Pesca com Pontas de Madeira e Osso.

- **ARAURU**- Ponta de flecha farpada de madeira, feito de marapinima utilizada para pescar e caçar.

- **PÃTÃ**- Ponta de flecha farpada trifurcada e bifurcada, feito de madeira resistente como, marapinima, esta ponta é embutida numa haste de pequenas palmeiras conhecida como flecha banahê e murumuru serve para caçar aves de médio e pequeno porte.

- **BUTU**- (ponta de flecha rombuda) feito de madeira resistente e de dente de anta com bolota de cera de abelha e breu, é amarrada com corda extraída de curauá era utilizado também para caçar aves e outros animais de médio e pequeno porte.

- **KUMUHI** – (flecha de ponta de madeira, em forma de losango afiado de ambos os lados como lamina.) serve para caçar animal. A figura 09 e 10 abaixo representam flechas confeccionadas com pontas de madeira e osso.

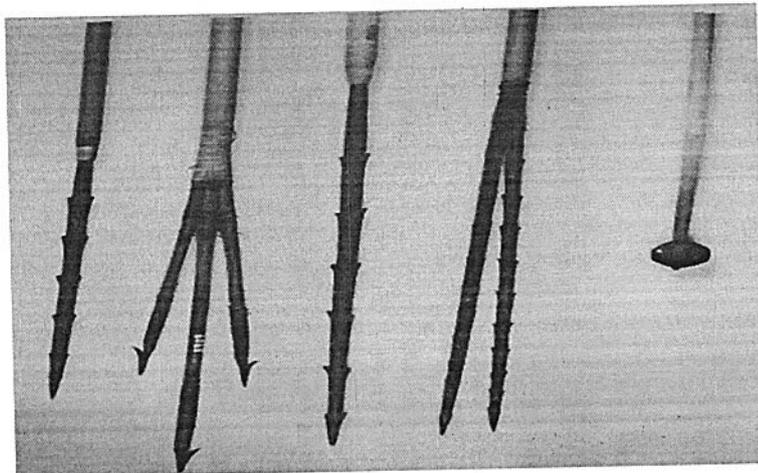


FIGURA 09: Flechas com pontas de madeira afiada

Fonte: Acervo Museu Kuahí, 2013.

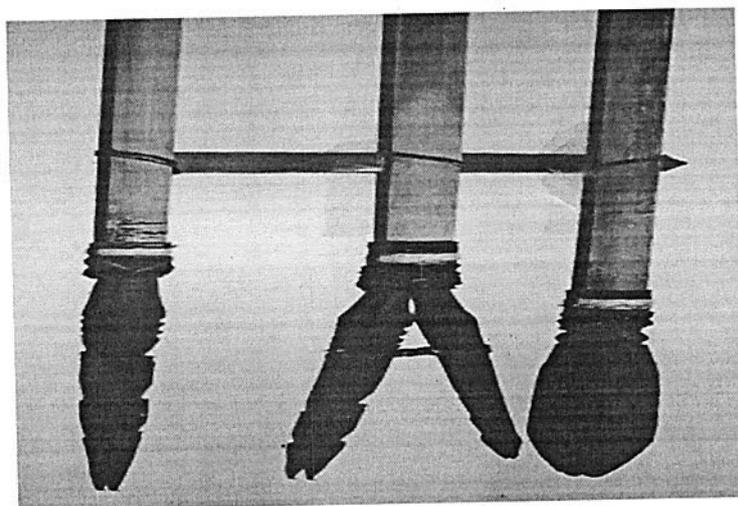


FIGURA 10: Flechas com pontas de madeira grossa

Fonte: Acervo Museu Kuahí, 2013.

2.1.3 Instrumentos musicais de sinalização, fiação, brinquedo infantil, escultura em madeira, meio de transporte.

- **PAIRAIRUKU** – instrumento de sopro, feito de karamatá ou bambu seco com pequenas aberturas nas laterais. Ele era usado especialmente, por alguns homens durante o ritual do turé para se comunicar e atrair as moças dançarinas durante o festival.

-**SINAL ÁTHAVE** – Tipo de flauta feito de karamatá (taquara ou bambu), um instrumento de sopro utilizado pelos adultos durante o ritual do Turé, também usava este instrumento em momentos de tristeza. Possui apenas dois furos nas laterais.

TURAKÁ: Um tipo de buzina feita de fêmora de veado, contem cinco furos nas suas laterais. É de uso masculino durante a festividade do Turé. Também usavam a Turaká durante as guerras contra os Palikur. A sua utilidade tem duas funções: no Turé usavam para comunicar com alguém ou para impressionar uma namorada. “O som deste instrumento é quase como o choro estridente de uma voz humano”, é como o canto entristecida no silêncio da tarde de um animal como um sapo, o sabiá e outros.

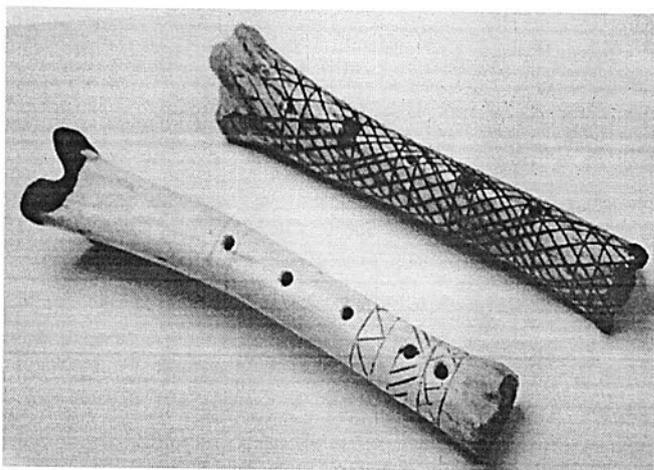


FIGURA 11: Flautas de osso

Fonte: (VIDAL, 2007). Povos Indígenas do Oiapoque.

INSTRUMENTO DE FIAÇÃO

- **KEKE** - (instrumento de fiação de algodão) artefato feito de casco de tracajá, de jabuti e de madeira marapinima, tem forma de um pião, é um trabalho masculino era usado pelas mulheres nos trabalhos de fiação das linhas de algodão. O fio era usado para amarrar flecha, fazer cordel e para pescar. A figura 12 apresenta o instrumento de afiação de algodão.

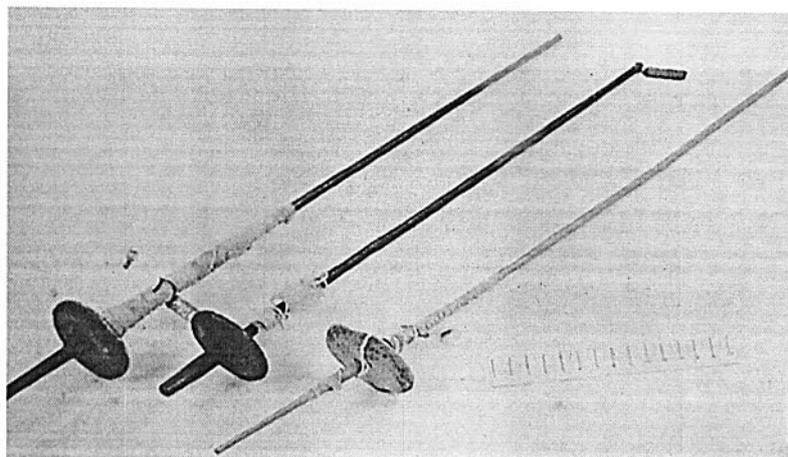


FIGURA 12: Instrumentos de afiação e algodão-Keke

Fonte: Acervo Museu Kuahí, 2013.

BRINQUEDO INFANTIL.

-**IAIA** – brinquedo em dobradura de forma variada representando aves, louva-Deus, ninho de beija-flor, relógio, estrela d'alva, camarão e outros. São confeccionadas de folha nova de palmeira (inajá e açai). Serve de brinquedo para atrair as crianças. A figura 13 abaixo mostra brinquedos em dobradura feitos em fibras.

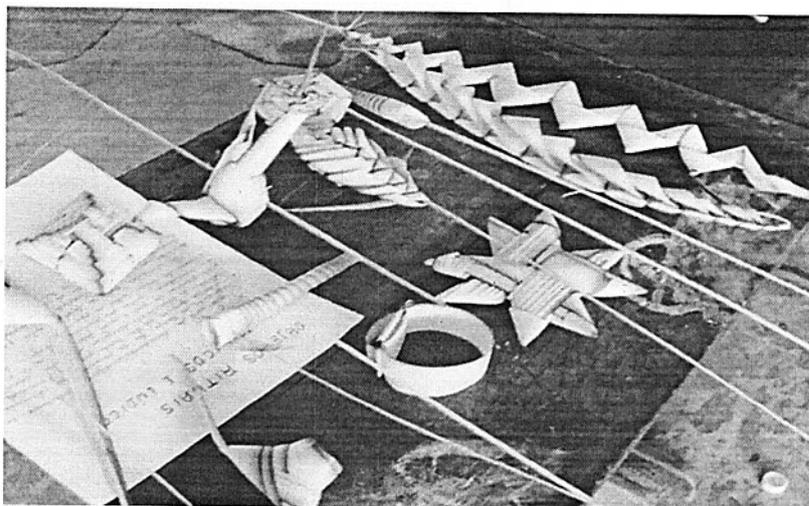


FIGURA 13: Iaiá- brinquedos infantis em dobradura trançados em arumã

Fonte: Elizabete Machado do Carmo, 2010.

ESCULTURA EM MADEIRA

- **BÃ** (banco de madeira) artefato esculpido em madeira

- **PILÃO**-(pilão), artefato feito de tronco de madeira cavado com fogo na parte superior, serve para pilar alimento como, crueira, castanhas etc. A figura 14 representa o pilão feitos em madeira.

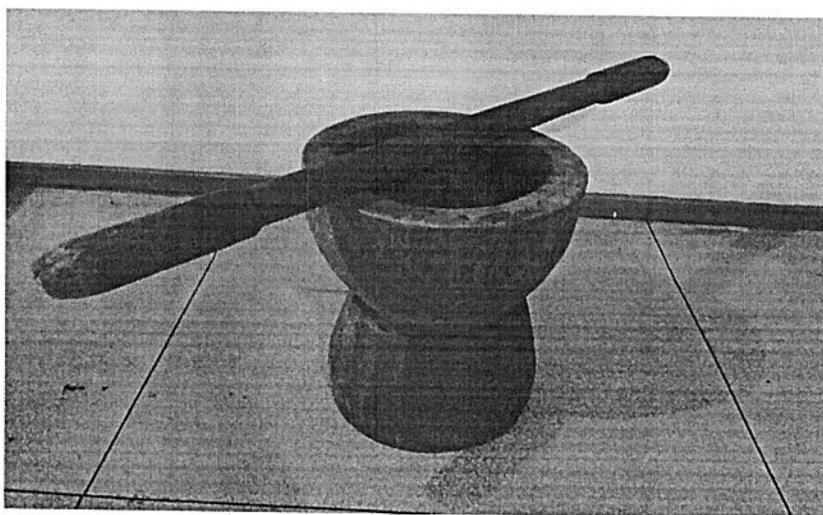


FIGURA 14: Pilão feito em madeira

Fonte: Acervo Museu Kuahí, 2013.

-**KUX** (tipo de gamela cavada em tronco de madeira em forma de canoa) serve para reservar massa de mandioca (ante e depois de espremer no tipiti) e também serve como reservatório para guardar caxiri.

- **KUIE BUA** (colher de pau) objeto feito de molongó (tipo de madeira encontrada na beira de igarapés, muito comum na região do Uaçá), pintada de cor preta com tinta vegetal, sua utilidade era bastante apreciada na preparação de alimentos.

MEIO DE TRANSPORTE- estilo canoa- figuras

- **BATELÃO**- canoa de grande porte movido com remo à força do homem serve para transportar carga, feito de madeira de lei, geralmente são posto nos ambos os lados duas falcas de 50 cm de largura e possui sete a oito metros de comprimento.

-**KANU DÉ BEG** - canoa pequena de origem crioula **saramaká**, construída apenas com uma falca em cada lado, possui 4 a 5 m. de comprimento cabe duas ou três pessoas no máximo, a ponta traseira quanto a dianteiro são iguais. A matéria prima usada para calafetar se faz com tala de buriti e breu. Serve como meio de transporte para pescar. A figura 15 abaixo exemplifica a canoa pequena.

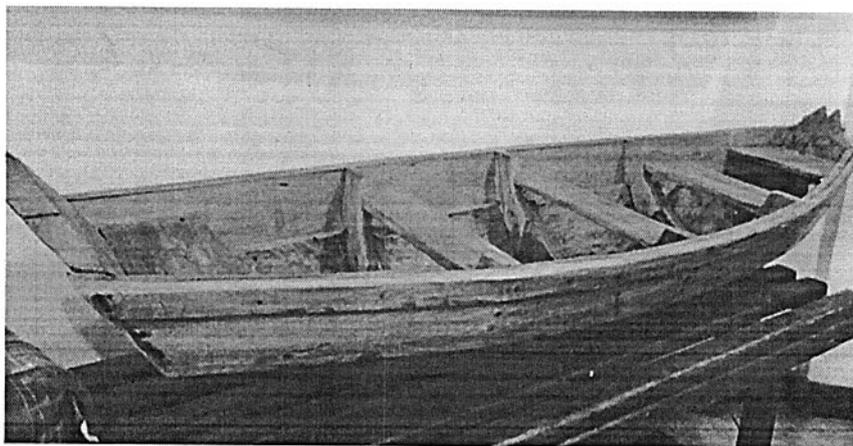


FIGURA 15: Canoa pequena em madeira- Kanu dé Beg .

Fonte: Acervo Museu Kuahi, 2013.

De acordo, com a minha pesquisa de campo e na coleta de dados, observei que em várias ocasiões como no trabalho, nas festas, na pescaria em grandes mutirões a presença desses artefatos era bastante apreciada pelo povo.

Hoje, na Aldeia Kumarumã, tudo está modificando, até as casas estão sendo construídas em alvenaria, muitas famílias já estão adquirindo motores de popa e voadeiras, que vem substituindo a grande canoas movida a remo com a força do homem. Segundo os depoimentos dos moradores da Aldeia esses objetos industrializados facilitam mais o trabalho e a vida no cotidiano, com isso vai desaparecendo vários objetos que não são mais fabricados. Devido o desuso. Os jovens influenciados pela cultura não indígena já não se interessam mais em conhecer as práticas culturais tradicionais de seu povo em consequência disso não querem mais dançar o Turé, que nesta ocasião é utilizado vários objetos artesanais.

3. A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR OS OBJETOS DA CULTURA GALIBI MARWORNO SEGUNDO A TRADIÇÃO.

A produção artesanal é de suma importância para a preservação cultural de um povo, pois os objetos que são produzidos trazem a identificação e a história dos ancestrais. Segundo a pesquisa realizada na aldeia Kumarumã o senhor **Isonildo dos Santos, 30 anos**, índio Galibi-Marworno, residente na aldeia Kumarumã, falou da sua preocupação com a substituição desses objetos pelos industrializados.

Segundo o depoimento do entrevistado afirma que: *“Os jovens não querem saber de aprender a confeccionar cestos e alguns velhos que ainda sabem fazer certos objetos já não estão dando mais conta de ir buscar a matéria prima, e devido a problemas na vista já não enxergam bem e assim vai dificultando a fabricação dos artefatos principalmente a cestaria que precisa de muita atenção para não errar”*. (Entrevista em 13.05.2013)

Afirmamos também que muitos jovens já não conhecem certos objetos que antes eram fabricados e muito utilizados no dia a dia, em entrevista realizada com a jovem **Zuleika Henrique dos Santos, 16 anos** afirma que: *“ela que não sabe fazer muitos artesanatos, mas alguns ainda estão presentes no seu cotidiano como, por exemplo, a cuia, colares de sementes, pulseiras de miçanga ela fabrica esses objetos e vende no Museu Kuahí no município de Oiapoque”*. Além, ela sabe confeccionar outros artesanatos tais como: *braceleira de pena, sutiã de sementes e saia de folha de buriti. Ela afirma que aprendeu a confeccionar cuias observando a sua mãe ela acha importante aprender essa técnica para enriquecer seus conhecimentos em relação a*

cultura, pois enquanto jovem ela se preocupa bastante em confeccionar artesanatos porque isso faz parte da tradição e não pode ser desvalorizado.

Segundo o depoimento de Zuleica Henrique dos (16 anos) artesã, afirma ainda que: *“o artesanato tem um grande valor cultural e no mundo dos indígenas não pode faltar esse riquíssimo conhecimento que nos identifica enquanto indígena, é muito importante saber o tamanho que vale a nossa cultura. Valorizar não é somente saber fazer algo que corresponde a cultura e sim utilizar no dia a dia a eventos culturais. Já participei varias vezes da dança do turé apresentando essa dança cultural nas aberturas de eventos, e já participei de vários desfiles usando trajes indígenas representando o povo Galibi Marworno”*. (Entrevista em 13.05.2013- aldeia Kumarumã).

Dando continuidade na sua fala da sua atuação na aldeia enquanto jovem, pois a mesma já organizou alguns grupos para apresentar danças e desfiles nas olimpíadas indígenas e em eventos escolares este é o meio de valorizar e incentivar os outros jovens que não dão valor a cultura. Zuleika comenta que: *“Enquanto jovens temos que valorizar o que é nosso, temos que ser responsáveis em aprender estes conhecimentos para depois repassar para os nossos filhos e filhas”*.

Em entrevista (maio, 2013) com outros jovens da comunidade, **Olemax Narciso dos Santos 17 anos**, artesão e residente na aldeia Kumarumã, diz que valoriza muito a cultura de seu povo ele afirma que: *“sabe confeccionar alguns artesanatos como, por exemplo, anéis de caroço de tucumã e inajá, colares e prendedor de cabelos utilizando penas coloridas de aves encontradas na natureza, segundo o entrevistado ele aprendeu essa técnica observando outras pessoas e fazendo junto, ele também já ensinou alguns dos seus amigos”*. O jovem tem vontade de aprender confeccionar outros artefatos, porém, não teve a oportunidade de aprender, pois nunca pode observar como se fabrica artefato como: escultura, arte plumária, cestaria e outros. O jovem afirma: *“Gostaria de aprender a confeccionar artesanato para dividir esses conhecimentos com meus colegas, porque a maioria dos jovens não tem preocupação em aprender fazer certos objetos e com certeza futuramente não vão ter conhecimento tradicional nenhum para repassar para seus filhos”* O jovem entrevistado ainda não pensou em aprender os cânticos tradicionais cantadas durante o ritual do Turé isso não quer dizer que não valoriza a cultura indígena. O jovem disse que ainda não pensou em confeccionar os artesanatos para divulgar seus conhecimentos. Para Olemax os artesanatos indígenas

tem um grande valor cultural quando se pinta um mastro do Turé, por exemplo, as marcas utilizadas na pintura têm grandes significados é importante que isso seja valorizado porque é assim que se identifica como indígena. De acordo com o jovem comercializar esses objetos é um modo de divulgar a cultura para a sociedade envolvente; saber o significado de certos objetos artesanais é a forma de guardar na memória o conhecimento do nosso povo.

3.1 Tipos de Artesanatos que são confeccionados tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

De acordo com pesquisa de campo realizada na Aldeia Kumarumã o povo Galibi-Marworno fabricavam vários tipos de artesanato, segundo o depoimento do Senhor **João Gonçalo dos Santos**, artesão residente na aldeia Kumarumã afirma: “*Que ainda confecciona esses artesanatos como as cestaria de vários aspectos, bancos de madeira em forma de animais, instrumentos musicais e de sinalização, colheres e pilão de madeira, fuso para fiação de algodão, armas para caça e pesca entre outros*”. (Entrevista em maio de 2013).

Em depoimento com a Senhora **Maria Vitória Alexandre, 59 anos**, Galibi-Marworno, residente na aldeia Kumarumã, artesã ela diz: “*que sua mãe contava que os antigos fabricavam muitos objetos para uso doméstico. Hoje muitos desses artefatos são praticamente esquecidos, desaparecido, muitas pessoas já não sabem confeccionar porque não dão valor a estes objetos, assim vai desvalorizando a cultura*”. A artesã afirma: “*Se não ensinarmos ou repassarmos esses conhecimentos para nossos filhos eles não vão conhecer que tipos de artesanatos eram fabricados pelos antigos Galibi-Marworno*”. (Entrevista em 15 de maio de 2013).

Em sua fala a entrevistada confirma que existe artesanato que é feito somente pelos homens e outros pelas mulheres. Os que são feitos pelos homens a maioria é de uso masculino como, por exemplo, as armas de pesca e caça, chapéu de pena para uso no ritual do turé, a canoa pequena de pesca, esses objetos são confeccionados e utilizados somente pelos homens. Existem outros artesanatos que são fabricados pelas mulheres, mas serve para uso masculino como, por exemplo: o “butxe” é fabricado pelas mulheres, mas somente os homens usam durante a dança do turé, já a cuia também é uma atividade feminina, porém é utilizado tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

Outro exemplo é a “colher de pau” é uma atividade masculina, mas é utilizada pelas mulheres. A peneira grossa que é utilizada na fabricação da farinha é feita pelos homens, no entanto é utilizada por ambos os sexos e assim por diante.

Segundo dona Maria Vitória Alexandre – 59 anos artesã afirma que: *“atualmente a juventude não se interessa mais em aprender fazer certos objetos, pois muitos destes já estão trocando os objetos indígenas pelos objetos industrializados como, por exemplo: o ralo hoje está em extinção e foi substituído pelo caititu motorizado dessa forma vai desaparecendo cada vez mais os objetos tradicionais”*.

De acordo com a artesã, a confecção de cuia é uma atividade feminina para esta confecção leva um tempo de uma semana isso vai depender da tinta, se ela for boa gasta menos dias sendo quatro a cinco dias, também depende da paciência da artesã porque a pintura se faz três vezes ao dia ou de vez em quando durante alguns dias, a artesã tem que ficar atenta para observar se já estão boas para colocá-las sobre a cinza, processo em que as cuias vão receber a coloração definitiva. Além da fabricação de cuias a artesã afirma que sabe fiar algodão para a confecção do “butxe”, considerando (VIDAL, 2009) “ornamento de cordões de miçanga com bordas de algodão e asa de besouro” sabe confeccionar cuias desde os 15 aos 20 anos de idade. Aprendeu com a sua mãe. Essas atividades são ainda confeccionadas por algumas mulheres da aldeia Kumarumã. Os objetos fabricados com maior frequência pelas mulheres são as cuias, colares de sementes, miçanga, remo e peneira grossa.

Segue uma relação desses objetos que ainda são fabricados, bem como, suas características e utilidades:

- **CESTARIA:** Há vários tipos e cestos, a peneira, tipiti, pacará, e outros, cada um possui uma utilidade eles podem ser de vários tamanhos conforme a necessidade. Para os Galibi-Marworno o cesto KHUKHU é uma atividade masculina, trançado de aspecto cilíndrico, esse cesto em tamanho pequeno era utilizado para carregar e semear maniva durante o plantio da roça, enquanto o cesto médio era utilizado para carregar louça durante viagens e o cesto grande era utilizado em poucos momentos para carregar mandioca a sua principal utilidades era para armazenar farinha quando destinada a venda, sendo então forrada com folha de Ubim e Arumã.

Além disso, utilizavam-lhe como recipiente para armazenar provisões, utensílios e para enjaular aves de estimação como galinha, pato, papagaio, periquito e filhote de macaco quando viajavam para Oiapoque. Em outras ocasiões os homens usavam o cesto khukhu

para enjaular marrecos, caranguejo quando saiam para caçar cesto de acordo com o modo de entrançamento das fibras obterá o trançado mais aberto ou mais fechado, bem como as diferentes marcas (ximêueimatuni, thasdjiab).

➤ **Matéria prima utilizada na confecção do cesto khukhu:**

- . Lâminas de cipó Açú ou titica
- . Lâminas de haste da folha de buriti ou miriti
- .Fasquia de arumã.
- . Vareta

Para a embalagem

- . Folha de ubim
- . Folha de arumã
- . Folha de sororoca

Ferramenta

- . Terçado
- . Faca

-PENEIRA: Segundo informantes durante a pesquisa realizada, a peneira é um objeto trançado plano ou côncavo de crivo aberto ou fechado com detalhes diferentes. Há vários tipos de peneira a grossa e a fina, ambas tem a forma quadrada e varia por tamanho e entrançamento. A peneira grossa de crivo aberto é destinada a peneirar massa de mandioca durante a fabricação da farinha esta possui crivo quadrado.

A peneira é um objeto que representa uma arte que se faz constantemente pelos artesões Galibi-Marworno, segundo artesãos os antigos a confecção da peneira grossa com detalhes diferentes e com crivo arredondado, para desenvolver essa técnica é preciso de doze talas ou laminas de arumã para formar um “olho” ou uma abertura do crivo, segundo os artesãos seis olhos são suficientes para formar uma peneira do tamanho normal, esse tipo de peneira é mais difícil de confeccionar. A peneira que se usa atualmente no dia a dia é conhecida como “**ManaheKuak**”na língua patuá, a sua confecção é mais fácil o desenho Kuahí formado pelas talas maiores não pode faltar, essas talas são chamadas de mamã, são as talas que dá resistência à peneira.

O tempo determinado para a confecção segundo o senhor **artesão Américo dos Santos, 45 anos** artesã afirma: “que é de 2 a 3 dia que ele mesmo precisa de um único dia para trabalhar na coleta de matéria prima, no dia seguinte ele vai medir o tamanho das talas e limpar, no terceiro dia inicia a confecção, no quarto dia ele termina de trançar a

*peneira, no quinto dia ele sai para coletar as varetas, no dia seguinte começa amarrar a peneira, ou seja, faz a arte final. O seu estilo de trabalho é lento porque requer que o seu trabalho saia completamente perfeito. O referido artesão declarou que nunca experimentou a confeccionar a peneira fina, pois não é de sua competência, ele disse que aprendeu a tecer apenas a peneira grossa observando os seus tios tecendo, quando foi tentar pela primeira vez não conseguiu, mas não desistiu e então com maiores dicas dos seus tios que orientaram que para obter êxito é necessário conhecer a tala principal que comanda todo o trançado, as 12 varetas que é utilizada para fazer o acabamento da peneira precisa ser bem resistente e não pode ser de qualquer madeira é necessário colher das árvores **Panāpanā, arakapá, makoko, latxolēgelēge**. Depois de várias tentativas conseguiu dominar a técnica pratica a arte desde o seus 15 anos de idade até os dias atuais".(Entrevista em maio de 2013).*

Segundo o artesão Américo dos Santos, é muito raro hoje em dia os jovens mostrarem interesse pela arte, durante sua carreira apenas um jovem lhe procurou para pedir orientação ele explicou apenas na teoria. O entrevistado concluiu sua fala dizendo que os Galibi-Marworno antigamente produziam objetos artesanais era uma atividade rotineira do povo, porque eles utilizavam bastante. Eles fabricavam utensílios lúdicos infantis como brinquedos trançados, arco flecha etc. hoje as crianças já não utilizam mais esses brinquedos.

BANCOS – Os homens Galibi-Marworno antigamente fabricavam bancos pequenos em forma de aves como: galinha, gaivota, pato, gazela e outros estes acentos servia mais para as mulheres sentarem ao lado do fogão a lenha para cozinhar e assar alimentos, e para sentar durante a refeição do dia a dia.

O artesão **Manoel Azemiro Chales, 54 anos**, artesão indígena da etnia Galibi-Marworno, residente na Aldeia Kumarumã, afirmou: *“que tem habilidade para confeccionar vários tipos de bancos de madeira em forma de animais. O tempo adequado para confeccionar um banco pequeno, segundo o artesão é de dois dias e meio. A tinta utilizada para a pintura desses bancos é feita a partir da matéria prima tên, macoco, kumatê, mel, urucum e maiuaku. As marcas impressas em todos os objetos são de acordo com o animal esculpido e de seu habitat. Se é um animal que habita no fundo das águas as marcas será: kuahi, dãdjilo, txikuahi etc. se o banco representa um animal que mora na mata receberá marcas da natureza tais como: thasdjib, bhãxuasei, ximêformixaso”*.

4. METODOLOGIA E OS RESULTADOS DA PESQUISA

O resultado final dessa pesquisa apresenta uma análise da coleta de dados, por meio, da abordagem de registros bibliográficos e documentais em livros, revistas, periódicos e também as entrevistas orais que fundamentaram o conteúdo de análise que tratam do assunto sobre o Artesanato Galibi Marworno e sua produção, por meio, das técnicas tradicionais. Em seguida foi realizada uma pesquisa de campo com observação participante deste pesquisador onde foi entrevistados (09 moradores) da aldeia Kumarumã nas diversas profissões, onde tive a oportunidade de conhecer o que cada um pensa sobre a fabricação dos objetos artesanais e da importância de tais objetos para a identidade cultural da etnia.

Essas perguntas precisam estar em forma de questionários.

Por vários dias como pesquisadores em campo visitei os artesãos e com o auxílio de um questionário de 11 perguntas fui construindo informações para o término do trabalho, as perguntas foram.

- 1 - Que tipos de artesanatos eram fabricados pelos antigos Galibi-Marworno? –2 - Por que não fabricam mais?
- 3 -Hoje, que tipos de artesanatos ainda são fabricados?
- 4 -Quem fabrica esses artefatos?
- 5 - Que tipos de artefatos são feitos pelos homens?
- 6 -E quais são feitas pelas mulheres? –
- 7 -Quais tipos de artesanatos são utilizados pelos homens e pelas mulheres?
- 8 -Quanto tempo leva para fazer um artesanato?
- 9 -Quais são mais produzidos?
- 10 -Que tipos de materiais são utilizados na fabricação de artesanato?
- 11 - Como você se sente sendo um artesão Galibi- Marworno?

Durante a pesquisa de campo foi realizadas entrevistas, no período de 05 a 10 de junho de 2013, com os jovens **Zuleika Henrique dos Santos**, 16 anos, residente na aldeia Kumarumã, **Olemax Nunes dos Santos**, 20 anos, **Gleosoaro Nunes dos Santos**, 18 anos, em que para esses jovens foi aplicado outro questionário contendo três perguntas com o objetivo de conhecer de que forma os jovens pensam sobre o artesanato como técnica tradicional da cultura Galibi-Marworno, as perguntas foram as seguintes:

1. Você sabe confeccionar algum artesanato? Como aprendeu? Porque aprendeu?
2. Você como jovem se preocupa em aprender a fabricar artesanato Por quê?
3. O artesanato tem valor cultural e valor econômico? E para você importante conhecer o valor cultural?.

A pesquisa foi desenvolvida parte com visitas nas casas dos moradores na aldeia Kumarumã e outra parte na escola nas turmas de ensino fundamental e médio durante o período de 05 a 10 de junho de 2013. Após a conclusão da pesquisa foi elaborado o texto de acordo com os objetivos específicos expressos no projeto de pesquisa.

4.1- DA ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

De acordo, com os dados coletados dos informantes entrevistados todos moradores da aldeia Kumarumã no total de dez (10). A produção dos objetos artesanais, por meio, de técnica tradicional transmitidas de geração á geração ao longo dos anos dentro da cultura Galibi-Marworno apresenta um percentual muito pequeno dos adultos e jovens que ainda fabricam ou apresentam algum interesse em confeccionar esses objetos.

Da análise dos resultados, apresentamos que a maioria dos entrevistados **sete (07)** tem: 1.Arcênio Monteiro;2. Lucivaldo Roberto dos Santos; 3.Manoel Azemiro Charles; 4. Isonildo dos Santos; 5. João Gonçalo dos Santos; 6. Maria Vitória Alexandre; 7.Américo dos Santos como artesões e moradores na aldeia Kumarumã- (Entrevista abril/maio 2013). Afirmaram:

“que é muito importante manter a técnica tradicional de confeccionar vários tipos de artesanatos principalmente os de uso doméstico utilizado no cotidiano, como cuia, cestos, peneira bancos em forma de animais utilizados no ritual do Turé, pois conservar o valor cultural. E transmitindo para os jovens que não sabem confeccionar alguns artesanatos que hoje muitos estão esquecidos”.

Da análise dos resultados, apresentamos dos jovens entrevistados **três (03)** tem: 8.Zuleica Henrique dos Santos; 9. Olexmax Nunes dos Santos; 10. Gleosoaro Nunes dos Santos, como artesões e moradores na aldeia Kumarumã. (Entrevista abril/maio 2013). Afirmaram:

“Que muitos artesanatos eles não sabem mais confeccionar, mas alguns estão presentes no cotidiano no dia-a-dia deles. Pois são construídos pelos mais velhos da aldeia que sabem a técnica passada pelos seus antepassados valorizando a cultura Galibi-Marworno”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões investigadas deste Trabalho de Conclusão de Curso é o resultado final e fruto de estudos e pesquisas realizadas na aldeia Kumarumã desenvolvidas durante o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, que muito contribuiu para meu conhecimento intelectual e crescimento cognitivo sobre o assunto em questão. Observou-se que a o saber tradicional voltados para a produção de artesanatos como objetos de utilização do cotidiano como: cuia, cestos, peneiras, armas de caça, pesca e os objetos usados no ritual do Turé que são importantes para a sobrevivência dos povos indígenas Galibi-Marworno na aldeia Kumarumã.

Durante a pesquisa de campo muito dos artesões e moradores da aldeia, se preocuparam bastante com a falta de interesse dos jovens em aprender confeccionar os objetos tradicionais, que hoje, muitos destes artefatos estão sendo substituídos por objetos industrializados e, em consequência disso muito não são mais fabricados a não ser para adornos e para vender no Museu do Kuahí como registro de memória dos índios do Oiapoque.

Diante dessa realidade alguns jovens ainda resistem em preservar a cultura, embora não sendo a maioria, mas alguns buscam preservar esse conhecimento e isso traz uma esperança que nossa cultura não seja substituída pela cultura emergente, muito embora os indígenas apropriarem-se de objetos do mundo globalizado. Conforme os conhecimentos transmitidos de geração à geração. No entanto, os povos indígenas do Oiapoque buscam parcerias, convênios de apoio substancial como: APIO (Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque); FUNAI (Fundação Nacional do Índio); FUNASA (Fundação Nacional de Saúde); IEPÉ (Instituto de Pesquisa e Formação em Educação).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE. Plano de Vida dos Índios e Organizações indígenas do Oiapoque. Oiapoque: APIO, 2009.

APOSTILA DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO PROJETO: Resgate Cultural dos Povos Indígenas do Oiapoque. Oiapoque, 2003.

CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDÍGENAS: Karipuna e Galibi-Marworno no município do Oiapoque. Oiapoque, 2004.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas, Exemplos no Amapá e Norte do Pará. São Paulo: Iepé, 2006.

RIBEIRO, Berta G. Dicionário do Artesanato Indígena. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1988.

VIDAL, Lux Boetitz. Povos indígenas do Baixo Oiapoque: O encontro das águas o encruzo dos saberes, e a arte de viver. 3 ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.

APÊNDICES